



**Um debate sobre como os alunos do ensino médio concebem a disciplina Filosofia, e de que formas a cultura juvenil, a cultura escolar e o saber filosófico interagem no cotidiano das escolas de nível médio**

# Caminho da autonomia

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Elisete Medianeira Tomazetti atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Maria e líder do Grupo de Pesquisa/CNPQ FILJEM (Filosofia, cultura e ensino médio). Nesta entrevista, Tomazetti fala sobre a importância do seu trabalho como coordenadora do Programa institucional de bolsas de iniciação à docência – PIBID/Filosofia/UFSM para a Filosofia da Educação enquanto caminho viável para a compreensão do campo educacional. A volta da obrigatoriedade do ensino da Filosofia nas escolas de nível médio trouxe uma

erupção de preocupações acerca das condições e desafios para que este retorno seja coroado de sentido e de legitimidade. Para tanto, a entrevistada propõe uma problematização sobre a constituição dos discursos que, desde então, vêm sendo elaborados sobre o ensino e a aprendizagem da Filosofia nas escolas de ensino médio no Brasil. Com o olhar voltado para o cruzamento das temáticas da Filosofia, cultura juvenil e ensino médio, Tomazetti acredita que, ao compreender como o aluno/jovem concebe a escola e a Filosofia para a sua formação e sua expectativa de vida na sociedade contemporânea, é possível alargar o espectro de visão acerca da problemática da Filosofia na escola básica.

IMAGENS: ARQUIVO PESSOAL

Jorge da Cunha Dutra, licenciado em Pedagogia e em Filosofia, mestre e doutor em Educação (UFPeL). Atualmente é professor de Filosofia da Rede Pública Estadual (SEDUC/RS) e professor substituto, na área de Didática (FURG). [profdutrajc@gmail.com](mailto:profdutrajc@gmail.com)  
Fábio Antonio Gabriel, professor de Filosofia, bolsista PIBID CAPES UENP – supervisor no Colégio Rio Branco de Santo Antonio da Platina, no Paraná. É mestrando em Educação na UEPG. [fabioantoniogabriel@gmail.com](mailto:fabioantoniogabriel@gmail.com); [www.fabioantoniogabriel.com.br](http://www.fabioantoniogabriel.com.br); [www.mundofilosofico.com.br](http://www.mundofilosofico.com.br)



## Acredito que não dá para pensarmos o ensino da Filosofia na escola atual sem termos noção das transformações que ocorrem com a juventude contemporânea

### **FILOSOFIA • Poderia nos falar da sua trajetória intelectual e o que te levou a escolher a carreira de professora na área da Filosofia?**

**TOMAZETTI** • Em minha trajetória intelectual, sempre estive muito presente a questão da Educação. Fiz o curso de licenciatura em Filosofia na primeira metade da década de 1980, período em que a Filosofia não fazia mais parte do currículo do então 2º Grau. Naqueles anos iniciaram-se os movimentos de luta pelo seu retorno, em nível nacional e regional. Como qualquer curso de licenciatura da época no Brasil, as questões acerca do ensino e da escola não eram tratadas nas aulas, e formar professores de Filosofia não era o objetivo primeiro do curso, basta olharmos para o currículo que tínhamos. A escola aparecia apenas no último semestre do curso, quando íamos fazer o estágio supervisionado, e então ministrávamos pouquíssimas aulas. Como muitos colegas que cursaram Filosofia na década de 1980, minha escolha não foi pela profissão de professora; foi antes pela Filosofia – ser professora de filosofia foi uma descoberta feita ao longo do curso, que depois se tornou convicção, mesmo diante de todas as dificuldades que tínhamos para encontrar emprego. A saída eram as poucas escolas particulares. E foi, então, essa convicção que me aproximou da área da Educação. Hoje a escolha pode ser feita já na inscrição para o vestibular, embora as condições da profissão ainda produzam insegurança e questionamento. Mas vejo cada vez mais jovens iniciando o curso convictos de que querem ser professores de Filosofia. É outro tempo, mas obviamente com muitos desafios ainda.

### **FILOSOFIA • Um dos seus temas de estudo é *Filosofia e juventude*. Em que medida a Filosofia pode contribuir com a formação dos jovens na atual conjuntura brasileira?**

**TOMAZETTI** • Estudar a juventude me ajuda a conhecer um pouco mais o aluno do curso de Filosofia, mas prioritariamente o aluno do ensino médio. Acredito que não dá para pensarmos o ensino da Filosofia na escola atual sem termos noção das transformações que ocorrem com a juventude contemporânea. Os estudos da *Sociologia da juven-*

*tude* deveriam estar presentes na formação de qualquer futuro professor. Em relação à criança, temos essa tradição já instalada nos cursos, mas quando se trata do jovem/adolescente há ainda um completo silêncio. Em relação à contribuição da Filosofia para a formação do jovem, não vou dizer nada de novo – sim, é importante, e, mais que isso, a Filosofia é um direito dos jovens; eles têm o direito de entrar em contato com a tradição filosófica e com essa maneira de pensar, com a experiência de pensamento filosófica. A questão é como oferecer esse encontro, como fazer esse convite ao jovem para que ele queira conhecer a Filosofia, queira filosofar. Trata-se, então, do ensinar e do aprender. O ensinar diz respeito ao professor, ao mestre, mas o aprender diz respeito ao próprio jovem aluno, às formas como ele atende ao convite, que são suas; e então entram as questões acerca da subjetividade. Nada garante o encontro, mas o importante para nós, professores, é conhecê-los, para criar processos de sensibilização e, também, de choque, de desafio, e situações problemáticas que potencializem o encontro com a Filosofia. Se esse encontro ocorrer, certamente o jovem terá a Filosofia como uma “companheira” para pensar o seu tempo, a sociedade brasileira, seus problemas e desafios, pensar a si mesmo nesse contexto; assim ele emitirá suas opiniões de forma argumentada/justificada.

### **FILOSOFIA • Sua dissertação de mestrado foi sobre o filósofo Max Horkheimer. De que maneira o filósofo alemão contribui para uma reflexão sobre as questões do cotidiano?**

**TOMAZETTI** • Sim, estudei Max Horkheimer no mestrado; conheci um pouco do espírito que possibilitou a criação da denominada Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa Social, e algumas ideias de outros de seus integrantes. Foi um momento importante de minha trajetória como estudante de Filosofia. A partir de Horkheimer tive que estudar mais detidamente Hegel e Marx. Compus, assim, minha inserção em uma perspectiva filosófica que procurava pensar aquele tempo, do pós-guerra, da experiência de *Auschwitz*, da ascensão do capitalismo e do socialismo, temas que foram importantes e que demar-



## O PIBID é uma política pública que coloca em cena, pela primeira vez na história dos cursos de licenciatura no Brasil, a centralidade da formação do professor

caram os estudos frankfurtianos. Em especial a crítica à razão instrumental feita por Horkheimer, uma razão que abandonou a Ética e se colocou a serviço dos interesses da ciência positivista e do capitalismo. Bem, os filósofos de Frankfurt, no século XX, produziram a crítica à modernidade, à razão, à Ciência, à técnica; fizeram a crítica ao “socialismo real” e, por isso, penso que inauguraram, mesmo que de forma muito inicial, a recusa aos dualismos, à verdade universal, à neutralidade da Ciência e da Filosofia. Hoje, pensar o cotidiano, suas questões, é problematizar os discursos de verdade e de universalidade que nos são oferecidos; penso que Horkheimer e os frankfurtianos, de alguma forma, ainda me ajudam nessa tarefa, mas agora dialogo com outros filósofos, como Michel Foucault, por exemplo.

### **FILOSOFIA • Qual é a importância do PIBID (Programa de iniciação à docência – CAPES), na formação dos futuros professores de Filosofia?**

**TOMAZETTI •** O PIBID é uma política pública de educação que coloca em cena, pela primeira vez na história dos cursos de licenciatura no Brasil, a centralidade da formação do professor, a partir da relação entre universidade e escola básica. Ao propiciar a vivência do futuro professor (bolsista de iniciação à docência) nos diferentes espaços da escola e, prioritariamente, na sala de aula, possibilita a construção de um saber que nenhuma universidade ou curso pode oferecer. O PIBID também potencializa a relação entre teoria e prática ao solicitar do bolsista a produção de materiais didáticos, a preparação de oficinas e o planejamento de atividades, sempre tendo como referência a escola em que atua e os alunos com quem interage no âmbito da Filosofia. Mas não é somente isso; há também a relação com os professores da escola e, especialmente, com o professor ou professora de Filosofia, que o supervisiona e é responsável pela implementação do subprojeto na escola. É, portanto, o exercício do diálogo entre a experiência e o desejo de experimentar outras possibilidades para ensinar; é, por isso, um imprescindível espaço de formação e autoformação de ambos. Outra potencialidade que o PIBID produz, em

meu entendimento, é o da ordem do próprio curso de licenciatura, ou seja, as mudanças que ele pode provocar em um currículo, como já mencionei anteriormente, que historicamente foi incapaz de assumir com responsabilidade a formação do professor da escola básica. Claro que podemos compreender em certo sentido esse descaso – durante um longo tempo a Filosofia não fazia parte do rol de disciplinas do ensino médio brasileiro. No entanto, o mesmo descaso ocorreu nos outros cursos de licenciatura, que não tinham problemas dessa ordem. Então, agora os bolsistas PIBID levam a questão do ensino de Filosofia para as disciplinas do curso, para o diretório acadêmico, para os seminários, para os espaços de convivência. Isso passa a produzir outro discurso e outra relação com o curso de Filosofia. Eis aí, para mim, as pequenas mudanças, um tanto quanto silenciosas, que o PIBID, no nosso caso, vem produzindo.

### **FILOSOFIA • Quais as indicações práticas fundamentais quanto ao ensino de Filosofia para os professores que atuam no ensino médio?**

**TOMAZETTI •** Indicações práticas? Não chamaria de indicações práticas, mas apenas de ideias para estarmos atentos: talvez a principal, para mim, é que o professor tem que pensar que o fato de ser professor não retira a condição de ele mesmo fazer Filosofia. Não pode considerar a docência apenas como transmissão, mas também como a possibilidade de pensar filosoficamente junto com seus alunos. Segundo, considerar seus alunos aptos a aprender Filosofia, a se interessarem pela Filosofia, a lerem e a escreverem em perspectiva filosófica. É muito comum considerar os alunos como sujeitos da “falta” e da incapacidade; mas é preciso um primeiro gesto, aquele que aproxima, que cria o desejo de ir mais adiante, de querer ler Filosofia, e isso cabe ao professor. E, por fim, pensar filosoficamente o ensino da Filosofia, tê-lo como um problema filosófico. Não diria que são indicações práticas, mas algumas ideias que tenho procurado partilhar com meus alunos no contexto de minhas aulas.



A Filosofia da Educação cumpre um papel importante ao oferecer ao professor um contato com a tradição filosófica e dela provoca uma problematização sobre os temas atuais da escola

**FILOSOFIA • Acreditas que a disciplina de Filosofia já conquistou seu espaço no currículo escolar do ensino médio, ou sua presença nos três anos desta etapa do ensino ainda está muito atrelada à Lei 11.684/08? Por quê?**

**TOMAZETTI •** Eu penso que essa conquista é lenta e gradativa, e é bom que assim seja. Até porque não temos saídas milagrosas de como fazer da Filosofia uma disciplina importante e com sentido para os estudantes. Essa conquista está diretamente articulada com a formação que temos oferecido nos cursos de licenciatura, com as experiências do PIBID e com as mudanças que vêm ocorrendo na escola pública e no ensino médio. A Lei 11.684/08 foi fundamental; sem ela a Filosofia ainda seria um conteúdo “de todos e de ninguém”. Agora temos que fortalecer os cursos de licenciatura em Filosofia, mas também as pesquisas sobre o ensino da Filosofia, a produção de material didático e a discussão sobre o que ensinar nos três anos do ensino médio. Penso que temos avançado significativamente nos últimos anos, mas ainda precisamos avançar, pois ficamos muito tempo sem tratar seriamente sobre todos esses temas. Da experiência que tenho com as escolas em que atuo como coordenadora do PIBID e orientadora de estágio, vejo sinais muito significativos de que a Filosofia começa a ter sentido, não só para os estudantes, mas também para a comunidade escolar. Algumas outras práticas de ensino são desenvolvidas pelos professores.

**FILOSOFIA • Como é possível avaliar a presença dos conteúdos de Filosofia nas provas do ENEM e nos vestibulares?**

**TOMAZETTI •** Esse é um tema complexo. Primeiro porque podemos, nesse caso, considerar que a Filosofia se ajusta aos processos seletivos, coloca-se num patamar de instrumentalidade que pode transformá-la em um saber/informação a ser ensinado e aprendido independente do exercício filosófico, da experiência de pensamento que pode transformar o sujeito, ou melhor, pode ajudá-lo a pensar filosoficamente sobre si mesmo e so-

bre seu mundo. No entanto, desde o momento em que a Filosofia se institucionaliza, em que vai para a escola e em que o professor torna-se um funcionário do Estado, temos que aceitar conviver com tal desafio – o desafio da experiência filosófica nos estreitos limites da instituição e da norma. No caso do processo seletivo da UFSM e do ENEM, eu considero que as questões de Filosofia têm procurado exigir do estudante a interpretação, a análise reflexiva e a contextualização, e por isso assumem um caráter interdisciplinar. Espero que continuemos com esse processo.

**FILOSOFIA • Qual é a importância da disciplina de Filosofia da Educação nos cursos de licenciatura?**

**TOMAZETTI •** A disciplina de Filosofia da Educação já tem uma longa história nos cursos de formação de professores no Brasil. Quando eles foram criados, nos anos 1930 do século XX, a Filosofia da Educação, juntamente com a História da Educação, era uma disciplina obrigatória. Hoje essa situação mudou; não é incomum encontrarmos cursos de licenciaturas nos quais a Filosofia da Educação esteja ausente do currículo; em alguns casos ela compõe a disciplina Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação, com uma carga horária muito pequena. Então, ao longo do tempo, no Brasil, as disciplinas de caráter mais teórico-problematizador foram sendo substituídas por outras de caráter mais prático-profissional. Não estou dizendo que não precisamos destas disciplinas, mas a questão é a perspectiva que os cursos acabam dando à formação do professor. Penso que a formação do professor para atuar na escola básica tem que preservar o equilíbrio do conjunto das disciplinas que oferece. A Filosofia da Educação pode cumprir um papel importante se oferecer ao futuro professor um contato com as ideias da tradição filosófica e se a partir delas provocar uma problematização sobre os temas atuais da escola, do ensino e da Educação, de uma forma geral. Desinstalar os sujeitos das “verdades” sempre repetidas acerca dos problemas e desafios da Educação, por exemplo. Ensaiar



com os futuros professores outras perguntas, outros olhares sobre temas que, às vezes, já se tornaram tão exaustivos, repetidos mil vezes, que impossibilitam um “ver” e “pensar” diferentes.

**FILOSOFIA • Frequentemente ouvimos dizer que vivemos uma crise ética, uma crise dos valores. Sendo filósofa, como avalia essa afirmação e como percebe o modo do jovem, principalmente, relacionar-se com os valores na sociedade em que vivemos?**

**TOMAZETTI •** Penso que sim, vivemos em outra condição cultural e social, que não é a mesma da modernidade; estamos sendo cada vez mais governados e subjetivados por mecanismos de controle, gestados pela economia, mecanismos que se alastram para todos os setores da vida humana. Paradoxalmente, o crescente aumento de controle sobre nós é sentido e anunciado como um aumento de nossa capacidade de escolha, de nossa liberdade. Estamos todos nesse contexto, jovens e velhos, e a escolha de valores que possam nos guiar depende cada vez mais de nossa capacidade de reconhecer esses processos de subjetivação e de controle – de nossa capacidade de resistir. Práticas minoritárias de liberdade! A Educação, em seu sentido amplo, pode ajudar nessa construção, mas nada a garante. Acredito em experiências singulares e desafiadoras que, de dentro das instituições, produzem outras compreensões do nosso tempo e de nós mesmos. Os jovens não podem ser vistos como sujeitos de identidades imutáveis – como os únicos responsáveis pelas mudanças, a partir de seu inconformismo, ou como sujeitos “alienados de seu tempo”, incapazes, hoje, de ser protagonistas de qualquer mudança. Esta é uma visão dualista e congelada sobre a juventude que deve ser superada. Não é possível tratarmos mais de uma juventude esquecendo as diversas condições que a produzem – jovens pobres, jovens classe média, jovens que trabalham e que estudam ao mesmo tempo, jovens que têm à sua disposição todas as ferramentas tecnológicas disponibilizadas pelo mercado, jovens que aderem facilmente à cultura do consumo, jovens que produzem arte nas periferias urbanas, enfim... É sempre nessa configuração social e cultural, entre o controle e as formas de resistir, que os jovens vão demarcando sua forma de viver.

Ifilo